

Comissões começam fase crítica dos trabalhos

Da Sucursal de Brasília



O Congresso constituinte começa hoje sua fase mais complexa de negociação desde que foi instalado, no dia 1º de fevereiro. Escaldados por confrontos ideológicos e divisões internas, os principais partidos já admitem que dificilmente surgirá uma boa Constituição sem um paciente processo de negociação, entre si e entre suas respectivas correntes internas. Até o dia 15 serão votados os oito relatórios das comissões — e a Constituinte terá chegado à metade de seu trabalho.

Dentro do PMDB, o processo de negociação é mais intenso. Para evitar a divisão do partido entre “progressistas” e “moderados”, há duas semanas, durante a votação dos relatórios das 24 subcomissões, sua direção mudou de estratégia. Hoje de manhã, na casa do presidente do PMDB e do Congresso constituinte, deputado Ulysses Guimarães, de centro (segundo o levantamento da Folha publicado pelo caderno “Os Eleitos”, no dia 19 de janeiro), os principais líderes peemedebistas e os oito relatores das comissões tentarão chegar a um consenso sobre os pontos que ainda dividem o partido.

Acordo interno

O objetivo é tentar um acordo interno, antes da votação dos relatórios, para em seguida começar a negociação com os outros partidos. Esse processo chegará ao ponto máximo amanhã e depois, pois até o dia 15 todos os relatores terão que entregar seus projetos, já aprovados, à Comissão de Sistematização da Constituinte.

“Nada se conseguirá no peito” —disse no início da semana passada o líder do governo na Câmara, deputado Carlos Sant’Anna (PMDB-BA), de centro-esquerda. Sant’Anna comanda hoje um importante pedaço do PMDB, o “Centro Democrático”, que reúne os “moderados” do partido. Para ele, ou o PMDB negocia suas teses internamente, ou os “moderados” acabarão,

como no caso dos relatórios das subcomissões, fazendo alianças com outros partidos conservadores para derrotar teses de esquerda.

O fortalecimento do “Centro Democrático” e de Sant’Anna, nas últimas duas semanas, foi percebido pelo líder do PMDB na Constituinte, senador Mário Covas (SP), de centro-esquerda. Desde que foi indicado para a liderança, em abril, Covas não reconhecia Sant’Anna como um interlocutor dentro do partido. Na última quarta-feira, Covas deu duas demonstrações de conciliação. A primeira, quando foi ao churrasco patrocinado pelo presidente José Sarney aos líderes do PMDB e PFL, na Granja do Torto, logo depois de ter ido a um comício em Cuiabá, realizado com o objetivo de pedir eleições presidenciais em 1988, para cortar dois anos do atual mandato.

A segunda, quando encontrou-se com Sant’Anna durante o churrasco e perguntou: “Quando nos encontramos?”. Sant’Anna respondeu: “Continuamos abertos”. Sant’Anna e Covas deverão estar hoje na casa de Ulysses Guimarães. O processo de aproximação entre ambos, na verdade, já havia começado na terça-feira passada. Ao reunir em seu apartamento dois relatores de comissões —os senadores José Richa (PR), de centro, e José Bisol (RS), de centro esquerda— Covas havia convidado Sant’Anna para juntar-se aos outros líderes do partido. Sant’Anna já tinha um compromisso, mas não deixou de passar por dez minutos no apartamento de Covas.

O espírito de negociação contamina também os líderes de esquerda na Constituinte. O deputado Plínio de Arruda Sampaio (PT-SP), com apoio do presidente do partido, deputado Luis Inacio Lula da Silva (SP), tem defendido a tese de que é preferível negociar pontos que permitam avanços na Constituinte do que insistir em questões de princípio.

É verdade que nem todos pensam assim. O deputado José Genoino (PT-SP), por exemplo, disse na quinta-feira passada que ainda não chegou a hora de a esquerda aceitar a negociação. “Isso deve ocorrer somente quando a Constituição for à votação em plenário, agora ainda

temos que marcar nossas posições”, disse.

Ulysses

Todo o esforço de negociação, porém, poderá não surtir nenhum resultado em alguns casos. As maiores polêmicas de todos os oito relatórios deverão concentrar-se na Comissão da Organização dos Poderes e do Sistema de Governo, onde se decidirá a duração do mandato do presidente Sarney, e na Comissão da Ordem Econômica. Apesar de ter conversado com dezenas de líderes sindicais, empresários e economistas, nos últimos dias, o relator da Comissão de Ordem Econômica, se-

nador Severo Gomes (PMDB-SP), de centro-esquerda, estava pessimista até o final da semana.

Os limites da participação do Estado na economia, a definição de reservas de mercado e os critérios para classificar uma empresa como nacional ou não, dificilmente permitirão consenso. Na última sexta-feira, o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, não tinha ilusões de que a negociação resolverá todos os problemas. “Onde não houver acordo, vamos à luta, resolver pelo voto. Isto faz parte do processo democrático”, afirmou.